

Educomunicação: jornalismo comunitário e cidadania no Projeto Nossa Mídia¹

Rodrigo Galdino²

Bruno Fuser³

Resumo:

Este artigo procura refletir sobre as interfaces entre educação e comunicação a partir da experiência do “Projeto Nossa Mídia: jornalismo comunitário no Parque Burnier”, uma atividade de educomunicação criada com o objetivo de servir de contraponto à concentração da mídia e à hegemonia dos meios de comunicação de massa. A partir do ensino de técnicas (de rádio, TV, redação, diagramação, web e fotografia) e da criação de produtos jornalísticos, o projeto busca colocar em prática a chamada educação para os meios, através de oficinas com os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal Belmira Duarte Dias, localizada na periferia da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. A discussão é feita com base em referenciais teóricos de diversos autores, como Mário Kaplún, Paulo Freire, Guillermo Orozco Gómez e Ismar de Oliveira Soares.

Palavras-chave: educomunicação; jornal comunitário; comunicação e cidadania

Introdução

Discutir a “cultura da participação”, tema deste “Congreso Internacional de Educación Mediática e Competencia Digital”, na perspectiva de associar dois campos estritamente relacionados com a cidadania, nos parece bastante atual e urgente. A sociedade contemporânea, interligada em redes de altíssima velocidade e ao mesmo tempo dividida em rincões de extrema pobreza e pouca (ou quase nenhuma) cidadania participativa exige de nós, cidadãos, uma reflexão crítica. É nesse contexto que este artigo procura refletir sobre as interfaces entre educação e comunicação, no século XXI. O potencial deste campo emergente, por ora denominado educomunicação, tem gerado bons frutos pelo mundo e pelo Brasil. Este texto aborda, especificamente, uma experiência realizada na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

O “Projeto Nossa Mídia: jornalismo comunitário no Parque Burnier” será aqui analisado como uma experiência de educomunicação criada com o objetivo de servir de contraponto à concentração da mídia, à hegemonia dos meios de comunicação de massa e ao caráter pouco democrático e nada inclusivo das reportagens dos veículos comerciais e com fins lucrativos. Nesse

¹ Trabalho apresentado no eixo 3d (La educación mediática como herramienta de participación y dinamización comunitaria en barrios y ciudades) do Congreso Internacional de Educación Mediática y Competencia Digital.

² Jornalista, coordenador do Projeto Nossa Mídia. Email: galdino.jornalismo@gmail.com

³ Jornalista, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, professor da Faculdade de Comunicação da UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: bruno.fuser@ufjf.edu.br

contexto, analisaremos o potencial libertador desta iniciativa que, a partir do ensino de técnicas (de rádio, TV, redação, diagramação, web e fotografia) e da criação de produtos jornalísticos pelos participantes, pretende colocar em prática a chamada educação para os meios. Uma educação que envolve mecanismos de criticidade e dialogicidade, cuja relevância já fora mencionada, noutros momentos, por estudiosos e pensadores desta temática.

As práticas de comunicação educativa (a comunicação e o seu componente pedagógico), de Mário Kaplún, e os conceitos de dialogicidade do processo educativo e a importância de uma educação que não seja "bancária" (ou seja, que permita a interação entre educando e educador, na busca pelo conhecimento), tão mencionados por Paulo Freire, nos servirão de base para este breve estudo. A esses pensadores, unem-se as reflexões de Guillermo Orozco Gómez, para quem a produção comunicativa deve ser ao mesmo tempo múltipla, seletiva e crítica, e as pesquisas de Ismar de Oliveira Soares, que, a partir dos estudos junto ao Núcleo de Educação e Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (NCE/ECA/USP), desvendou um novo campo de atuação para este profissional que está preocupado em aliar os campos comunicação e educação, na perspectiva de desmitificar a mídia massiva.

A importância e atualidade destes estudos sobre educomunicação é comprovada pelo grande número de produções acadêmico-científicas que abordam tais práticas⁴. Além disso, as políticas públicas adotadas pelo governo brasileiro, nos últimos anos, comprovam que a interface entre comunicação e educação começa a ser utilizada como um impulso para a cidadania, seja na educação formal ou fora dos bancos escolares. No "Nossa Mídia", projeto realizado em uma escola pública da periferia de Juiz de Fora, percebe-se todas estas dimensões. Ao propiciar a educação para os meios, a partir de conceitos de técnicas jornalísticas e de reflexões críticas sobre a realidade do local, o projeto potencializa o surgimento de cidadãos críticos, capazes de interferir positivamente no cotidiano de suas comunidades. Mais do que isso, o projeto tem o potencial de criar um novo modelo de educação; ou pelo menos, repensar o modelo atual.

Referenciais teóricos

O educador Paulo Freire, um dos principais pregadores da educação como prática da liberdade, menciona, em muitos de seus estudos, a relação entre educação e comunicação. Para Freire (1979), a atuação do professor (o "educador-educando", nas suas palavras) deve proporcionar uma ação consciente do homem, no sentido de mudar o seu mundo e a sua realidade. Dessa forma, extensão e comunicação funcionam como palavras antagônicas. Segundo Freire, a verdadeira

⁴ Artigo apresentado ao XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação mapeou todas as pesquisas sobre educomunicação publicadas em anais dos congressos da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós) e da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), de 2004 a 2008. Segundo o artigo (LAHNI et alii, 2009), nesse período 81 trabalhos estavam relacionados à interface entre comunicação e educação. Texto disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0558-1.pdf>

educação prioriza o diálogo, a comunicação, a interação entre as partes, o que possibilita a libertação dos indivíduos; já a extensão é essencialmente invasão cultural. Citando as práticas de “extensão” rural, nas quais o extensionista leva o conhecimento pronto, acabado, às comunidades, o pensador brasileiro prega o ideal de uma educação dialógica, na qual o educador/extensionista seja o porta-voz do diálogo, base de uma educação autêntica.

As idéias de Paulo Freire, inicialmente utilizadas na alfabetização de jovens e adultos, servem de paralelo às práticas educacionais. Pois ao enfatizar a importância de que o conteúdo programático das aulas tenha relação direta com o cotidiano de educandos e educadores, dá-se a dimensão dialógica deste processo. Sem dúvida, é a partir da compreensão da realidade de vida que se toma consciência dos problemas da comunidade, permitindo assim uma tomada de atitude. As “palavras geradoras”, também utilizadas no método freiriano, devem ser associadas à educação, já que estas palavras permitem uma leitura crítica da realidade. Pelo método de Paulo Freire, é a partir destas palavras que os educandos aprendem a ler e escrever, utilizando elementos de sua realidade.

Como mencionado anteriormente, Paulo Freire critica o que chama de “educação bancária”, aquela onde existe um transmissor ativo, enviando o conteúdo pronto, finalizado, e um receptor passivo. Na prática educacional moderna, não há espaço para esse tipo de atuação, tendo em vista que é a partir do diálogo que se faz a análise crítica dos meios e se produz o conteúdo jornalístico, na perspectiva democrática. O modelo de educação bancária, que ainda persiste em instituições de ensino brasileiras, pode ser comparado à atuação da mídia massiva, que comumente persiste na manutenção de um discurso monológico, no qual o cidadão raramente se vê retratado. Portanto, na perspectiva de Paulo Freire, a comunicação democrática está intrinsecamente relacionada à educação libertadora, pois “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1979, p. 69). Diálogo é, também, participação. E a comunicação participativa (dialógica) é também, no limite, uma comunicação libertadora, traçando-se uma analogia com o campo da educação.

O pesquisador argentino radicado no Uruguai Mário Kaplún realizou importantes experiências de comunicação popular dialógica e interativa, que até hoje servem de base para as práticas educacionais. Numa época em que não existia internet, Kaplún criou o método “cassete-foro”, que permitia a interação de educandos através da fita-cassete. A partir deste método, que foi colocado em prática no Uruguai, em meados dos anos 1970, iniciou-se a educação a partir do rádio. Em linhas gerais, trata-se de um sistema que permite a interação de comunidades a partir de fitas-cassete gravadas por elas mesmas. Esse método foi aplicado com sucesso em diferentes contextos de ação popular e de educação, e serviu para promover a auto-gestão e a organização

comunitária em alguns países da América Latina.

Os estudos de Mário Kaplún (1999) abordam com bastante crítica o paradigma informacional, que atribui uma atuação meramente instrumental à comunicação, nos processos educativos. Pelo paradigma informacional, a comunicação se refere exclusivamente aos meios e tecnologias de comunicação, desconsiderando-se, dessa forma, o seu componente pedagógico. Citando especificamente a educação à distância, Kaplún reitera o posicionamento de Freire, segundo o qual, apesar de todo desenvolvimento ser modernização, nem toda modernização é desenvolvimento (FREIRE, 1979). Ou seja, as tecnologias, incluindo-se aqui a internet, apenas apresentam o potencial de interatividade e dialogicidade preconizados pela educomunicação. No entanto, para que a verdadeira participação seja viabilizada, é preciso uma postura democrática e cidadã por parte dos envolvidos no processo. Nesse sentido, afirma Kaplún:

Se partimos de um olhar fundamentado no ponto de vista tecnológico, não há dúvida de que a conformação deste ciberespaço educativo implica um espetacular avanço. Mas, a partir de uma racionalidade pedagógica, não representará também, por outro lado, um estancamento e inclusive, talvez, uma involução? Não estamos ante a velha "educação bancária" tantas vezes condenada por Paulo Freire, só que agora em sua moderna versão de caixa automático dos bancos? (KAPLÚN, 1999, p. 69)

O filho de Mário Kaplún, Gabriel Kaplún, da Universidad de la República, do Uruguai, ao discutir a relação entre comunicação e educação naquele país nos anos 2000, considera uma “ilusão tecnológica” supor que os computadores vão transformar, por si mesmos, a educação (KAPLÚN, in BOLAÑO et alii, 2009, p.48). Outras críticas de Gabriel Kaplún referem-se à importância – que não encontra respaldo nas políticas governamentais uruguaias, mesmo em governos progressistas mais recentes – de se proceder a mudanças não apenas no que se refere à implantação de equipamentos nas escolas, mas também no que diz respeito a transformações gerais no terreno pedagógico, incluindo o investimento na preparação de docentes para o uso de tais tecnologias e na garantia de salários dignos aos professores. E defende “pensar la escuela como espacio de interaprendizaje y construcción colectiva de conocimientos” (idem, p.49).

O professor do Departamento de Estudos da Comunicação Social da Universidade de Guadalajara, Guillermo Orozco Gómez, também problematiza a interface entre comunicação, educação e novas tecnologias, na contemporaneidade. Para ele, transformar a escola “exige a desnaturalização da lógica do mercado que orienta o seu uso e desenvolvimento” (2002, p. 57). Ou seja, Orozco descarta a visão tecnicista que atribui às tecnologias, por si só, um aumento da interatividade e a modernização dos processos comunicativos e educativos (ou melhor, educomunicativos). “Se a oferta educativa, ao se modernizar com a introdução de novas tecnologias, se alarga e até melhora, a aprendizagem, no entanto, continua uma dúvida” (OROZCO, 1999, p.65), afirma. Para o pesquisador, é preciso, antes de qualquer coisa, haver uma decisão política no sentido de utilização do aparato tecnológico para a ampliação da democracia e da

participação, principalmente nos países menos desenvolvidos. E para formar essa cultura, é necessário surgiu um novo comunicador.

Uma produção comunicativa a partir das características dos sujeitos, não dos conteúdos nem dos meios, é um dos desafios principais para os comunicadores do século XXI. Do mesmo modo, os comunicadores profissionais seriam os especialistas no desenho das lógicas midiáticas para vincular diversos conhecimentos e informações, por uma parte e por outra, para vincular os educandos-usuários com essa informação. Mas, sobretudo, seriam os comunicadores os peritos no acompanhamento do processo educativo, a partir dos sujeitos educandos-usuários, através da exploração de todos aqueles elementos que incidem na sua recepção ou interação com a informação e os novos meios e tecnologias que a rodeiam. (2002, p. 68-69)

Num cenário de mudanças constantes, a interface entre comunicação, educação e novas tecnologias pode mudar substancialmente os processos educativos e comunicativos. Daí a necessidade de uma formação/educação especializada, que possibilite a apreensão crítica dos meios. “Por eso, hoy en día uno de los grandes desafíos es el desarrollo de competencias comunicativas para asumirnos en tanto audiencias, también como productores y emisores y no solo como receptores” (OROZCO, 2010, p. 17). Nesta condição comunicacional contemporânea, afirma Orozco, existe pela primeira vez na história a possibilidade de os cidadãos interagirem com a mídia, desconstruindo tais referenciais midiáticos que antes eram impostos à sociedade. Logo, os conceitos de Freire, Orozco, Mário e Gabriel Kaplún convergem para este novo pensamento, calcado na educomunicação.

É também nesse contexto que se encaixam as pesquisas realizadas no Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), lideradas pelo professor Ismar de Oliveira Soares. No final dos anos 1990, o NCE realizou uma série de pesquisas com especialistas de 12 países da América Latina e identificou este novo campo de estudos, a educomunicação. Trata-se, segundo Soares, do “conjunto das ações inerentes aos processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos” (SOARES, 2008, p.8). Segundo a pesquisa, este novo campo de interface entre comunicação e educação abrange múltiplas faces, como a educação pela e para a comunicação, a expressão comunicativa através das artes, a gestão da comunicação nos espaços educativos e a mediação tecnológica na educação.

Segundo Soares (2011), a participação de crianças e jovens no processo de produção midiática traz como consequência a busca por encontrar possibilidades de produção de sua cultura, de realização de sonhos cotidianos, da transformação da realidade local e o interesse em participar de uma sociedade mais justa e democrática. Ao mesmo tempo em que a participação leva ao maior conhecimento e interesse pela comunidade local.

Ressalta-se que os estudos do NCE também enfatizam a importância de uma abordagem crítica com relação ao uso das tecnologias na comunicação e na educação. Ou seja, o conceito de

educomunicação cunhado pela Universidade de São Paulo se confronta com o pensamento instrumental, que encara as tecnologias como uma solução para todos os males da educação. Nesse contexto, as tecnologias são utilizadas como mais um mecanismo a serviço das comunidades, no processo de democratização da mídia e ampliação da cidadania.

Nunca é demais lembrar a relação intrínseca entre comunicação e cidadania. Maria Cristina Mata (2001) estabelece que a cidadania se refere às formas como os indivíduos são representados no espaço público e sua capacidade de se constituir como sujeito de demanda nos distintos âmbitos de sua experiência cotidiana: desde a nacionalidade e o gênero até as questões relativas ao trabalho e à cultura. E nessa perspectiva assume primordial importância a dimensão comunicativa das relações sociais.

La comunicación se reconoce como fundante de la ciudadanía en tanto interacción que hace posible la colectivización de intereses, necesidades y propuestas. Pero, al mismo tiempo, en tanto dota de existencia pública a los individuos visibilizándolos ante los demás y permitiendo verse - representarse ante sí mismos. (MATA, 2001, p.3-4).

A representação que se faz e que fazemos de nós mesmos, portanto, ocorre intermediada pela comunicação, que se constitui assim como parte mesma da cidadania na atualidade. E tal representação perpassa todas as dimensões da sociabilidade – entre elas, a educação, base de transformação e formação de todos os cidadãos.

Estudo de caso

É na Escola Municipal Belmira Duarte Dias, localizada no bairro Parque Burnier, zona leste da cidade mineira de Juiz de Fora, que ocorrem as atividades do “Projeto Nossa Mídia: Jornalismo comunitário no Parque Burnier”. Semanalmente, os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) se reúnem com os profissionais voluntários do projeto (maioria jornalistas) e com os professores Izabel Teodolina de Jesus (Português) e Ataliba Fernando Domingos da Costa (Geografia), a fim de refletir sobre atual situação dos meios de comunicação e sobre a realidade local, a partir do aprendizado de técnicas jornalísticas. As atividades ocorrem às terças-feiras, nos minutos que antecedem as aulas curriculares da escola, que começam às 18h30. Nestes cinquenta minutos (das 17h40 às 18h30), são discutidas as pautas do jornal mural produzido quinzenalmente pela equipe, debatidos temas diversos relacionados à comunidade, além de serem ministrados os conteúdos relacionados às técnicas de jornalismo. No primeiro semestre de 2011, entre os meses de março e junho, ocorreram as oficinas de redação e diagramação. Até dezembro deste ano, outras cinco oficinas serão oferecidas pelo projeto.

O “Nossa Mídia” é financiado pela Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura (Funalfa/Prefeitura de Juiz de Fora) e conta com a colaboração de cerca de dez profissionais voluntários, entre professores, alunos de Graduação e Pós-Graduação, jornalistas e educadores. A

Escola Municipal Belmira Duarte Dias cede o espaço para as atividades, que ocorrem principalmente na biblioteca e no laboratório de informática. O dinheiro obtido através do edital 2010 da Lei Murilo Mendes (R\$4.000,00) poderá ser utilizado para a compra de materiais de consumo e manutenção, como impressão de jornais, compra de aparelhos eletrônicos, ampliação de fotografias para o jornal mural, pagamento de frete para viagens que transportem os estudantes, esporadicamente, a visitas a veículos de comunicação da cidade etc. Até agora, foram gastos R\$464,80, com a impressão de 350 exemplares da versão impressa do jornal “Fala Belmira!”, além da ampliação de fotografias para uma edição especial do jornal mural. Os estudantes que participam do projeto (um total de 11, neste primeiro semestre) são moradores do bairro Parque Burnier e adjacências.



Fig.1 - Reunião de pauta do “Nossa Mídia”. (Foto: Rodrigo Galdino)

A parceria do “Projeto Nossa Mídia” com os professores Izabel e Ataliba (ambos contratados pela rede municipal de ensino e que ministram aulas curriculares na mesma escola) foi viabilizada no começo de 2011, quando os professores, que já publicavam as edições do jornal mural, produzido quinzenalmente pelos alunos, tiveram a oportunidade de conhecer o projeto. Na época, animados pela possibilidade de realizar um trabalho mais “profissional”, diziam, os professores cederam os 50 minutos das atividades do Projeto Biblioteca (iniciativa que busca diversificar as formas de leitura para que o aluno interaja na biblioteca da escola, desenvolva o prazer de ler e escrever e produza materiais jornalísticos) para que a equipe do “Nossa Mídia” pudesse, junto com eles, discutir as técnicas jornalísticas. Desde então, foram produzidos três jornais murais e um impresso, ambos com conteúdos escritos pelos estudantes. Atualmente, o projeto está no período de férias e retornará em agosto, quando serão ministradas as oficinas de rádio, TV, webjornalismo, fotografia e ética e cidadania. Para cada oficina, está previsto o lançamento de algum produto jornalístico específico, como documentário, exposição fotográfica etc.

O “Nossa Mídia” foi idealizado e é coordenado pelo jornalista Rodrigo Galdino, co-autor

deste texto, e pela professora de Filosofia Renata Morais Lima. As oficinas do primeiro semestre foram ministradas pelos jornalistas e mestrandos da Universidade Federal de Juiz de Fora Marcello Pereira Machado (oficina de redação) e Francislene Pereira de Paula (diagramação). O projeto busca o diálogo constante entre os professores, colaboradores e estudantes, a fim de produzir atividades e conteúdos democráticos e comunitários, tal qual preceitua a educomunicação. Dessa forma, todas as decisões são tomadas pela equipe de colaboradores – as oficinas que serão realizadas, a sua duração, o conteúdo programático, as pautas para as matérias (Fig.1). Além disso, para facilitar a comunicação entre a equipe, foi criado um grupo⁵ na internet (no serviço gratuito do Yahoo Grupos), que é utilizado para a interação, principalmente, entre os professores e os voluntários do projeto (os estudantes têm pouco acesso à internet, na maioria das vezes em lan houses). Abaixo, algumas opiniões postadas neste grupo que permitem perceber o caráter dialógico das atividades:

Graças a Deus, o jornal ficou msm bem legal. Gostamos bastante, pq os alunos puderam treinar apuração, redação e leitura, né? Foi muito gratificante ter visto, na terça, a alegria e a curiosidade deles ao abrir o jornal... até quem não faz parte do projeto pedia ansiosamente o jornal... rssss... incentivar a leitura é msm muito importante. Vc e o Ataliba foram fundamentais pra q tudo desse certo. Valeu msm! Obrigado! No segundo semestre, tem mais trabalhos e desafios... (Marcello Pereira Machado, sobre a versão impressa do jornal “Fala Belmira!”).

A chegada de vocês [equipe do Projeto Nossa Mídia] trouxe um novo rumo às propostas de leitura. Foi muito importante a participação espontânea dos alunos, após verem a movimentação nas terças-feiras (mesmo com os costumeiros “esquecimentos”). Como disse Marcello, essas experiências marcam a passagem pela escola. A finalização com o jornal foi demais! (Izabel Teodolina de Jesus, sobre a parceria com o “Nossa Mídia”)

Outro aspecto importante do projeto, relacionado com o pensamento de Paulo Freire, é a manifestação do cotidiano, a partir de “palavras geradoras”, nas conversas que conduzem à definição dos temas dos jornais e à produção dos textos. Particularmente significativa nesse sentido nos parece, por exemplo, o relato de dona Hilda, uma senhora de aproximadamente 60 anos, através do qual se pode perceber o modo de vida de gerações mais velhas e de condição sócio-econômica pouco favorecidas. Na sua fala, reproduzida na edição impressa do jornal, publicada em junho, estão presentes práticas como o escambo (aquisição de produtos e serviços não com dinheiro, mas através da troca por outros produtos, como, no caso, a troca de uma galinha pelo serviço de furar a orelha da dona Hilda, então garotinha) e brincadeiras populares, como zorra (piorra, pião) e canoa de coqueiro. Os modos de viver dos moradores da região estão também presentes em quase todos os textos do jornal, como as matérias que relatam as maneiras de se vestir dos jovens e adultos e a própria história do bairro e da escola.

A escolha das pautas (tanto da edição impressa quanto da versão em mural do jornal “Fala

⁵ Disponível em <http://br.groups.yahoo.com/group/falabelmira/>

Belmira!”) comprovam a relação intrínseca com o cotidiano do bairro. A própria reportagem com as histórias de dona Hilda, sugerida pelo estudante Matteus Maciel, enfatiza a importância da história de vida e dos costumes locais. Tia Hilda, como é mais conhecida, é faxineira da escola, e possui uma relação de amizade com alunos e professores, sendo tratada com muito respeito no ambiente escolar. Destaca-se também a notícia que menciona o fato de que duas gerações familiares frequentaram a mesma escola. A reportagem cita a mãe, Angélica, que estudou em 2008 na mesma escola onde hoje estuda a sua filha. “É sempre bom ter uma escola no bairro, pois aprender é tudo na vida”, afirma Angélica na reportagem, destacando a vantagem de que, como a escola está localizada no bairro, não é necessário “pegar transporte” para poder estudar.

O encerramento das atividades do projeto ocorrerá em dezembro de 2011, quando os estudantes receberão um certificado de repórter comunitário, referendado pela Prefeitura de Juiz de Fora e pela Funalfa, Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, que financia o projeto. Além disso, a viabilidade de parcerias com faculdades de Comunicação da cidade estão sendo analisadas, para que o certificado tenha também o aval de uma instituição de ensino, o que ampliará a sua credibilidade. Após a finalização das oficinas, espera-se que os estudantes estejam aptos a atuar como multiplicadores dos conceitos de jornalismo comunitário e educomunicação em seus bairros, o que poderá viabilizar o surgimento de veículos de comunicação criados pelos próprios moradores.

Considerações finais

Ao possibilitar aos estudantes moradores da periferia o aprendizado de técnicas jornalísticas e a produção de veículos que expressem a cultura de suas comunidades, o projeto Nossa Mídia atua como uma importante ferramenta de democratização dos meios e de ampliação da cidadania participativa. Esta experiência de educomunicação, colocada em prática desde março de 2011 na cidade de Juiz de Fora, Brasil, tem na dialogicidade de Paulo Freire um de seus principais pilares, pois é a partir do diálogo que professores, voluntários e estudantes elaboram (e reelaboram) a sua constante aprendizagem. Mais do que isto, eles forjam, aos poucos, uma cidadania que, como afirma Maria Cristina Mata (2001) tem relação intrínseca com a comunicação. Logo, a escolha das pautas, a discussão sobre a realidade local, a gestão do processo e (também, mas não somente) o estudo das técnicas jornalísticas aguçam um olhar mais crítico com relação aos meios massivos. Ou seja, coloca-se em prática a chamada educação para os meios.

O potencial pedagógico da comunicação, reafirmado nos estudos de Mário Kaplún, são referendados pelas palavras da professora de Português, Izabel, para quem a chegada do projeto à escola “trouxe um novo rumo às propostas de leitura”. E, indo ao encontro do pensamento de Gabriel Kaplún, o projeto preocupa-se em realizar uma mudança no terreno pedagógico – por mais interação, diálogo e por uma construção coletiva do conhecimento. Negando a visão tecnicista e

instrumental, que encara as tecnologias como panacéia para todos os problemas da educação brasileira, o “Nossa Mídia” utiliza os recursos midiáticos para democratizar o acesso e a ampliar a produção de conteúdo, o que é bastante salutar para romper com a lógica do mercado que, conforme afirma Guilherme Orozco (2002), impede mudanças reais na educação.

A linha de atuação do projeto, que segue uma decisão política de todos que dele participam, mostra a viabilidade e relevância de programas de educomunicação, um novo campo de estudos capaz de realizar transformações na realidade local. É nessa perspectiva que, a partir de agosto de 2011, outros colaboradores voluntários se juntarão ao projeto, para ministrar as oficinas. Pois, a partir da educação para e pelos meios, é possível ampliar o acesso a direitos, reduzindo assim as desigualdades. Na formatura destes novos repórteres comunitários, em dezembro de 2011, espera-se que todos, voluntários, professores e estudantes, estejam convencidos de que a democratização da mídia é um importante passo rumo a uma sociedade mais justa.

Referências

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

KAPLÚN, Gabriel. Comunicación, educación y movimientos sociales: paradojas técnico-políticas. In: BOLAÑO et alii (orgs.). **Comunicación, educación y movimientos sociales en América Latina**. Brasília : Casa das Musas, 2009. Pg 41-57.

KAPLÚN, Mário. Processos Educativos e Canais de Comunicação. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna. N. 14. Jan/abr.1999. p.68-75

LAHNI, Cláudia Regina et alii. Educomunicação e cidadania: conceitos e práticas na produção acadêmica entre 2004 e 2008. In: **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba : Intercom, 2009.

MATA, Maria Cristina. Comunicación, ciudadanía y poder: pistas para pensar su articulación. In: **Diálogos de la comunicación**. n. 64, 2001. p. 65-76. Disponível em: <<http://www.comminit.com/en/node/149879/348>>. Acesso em: 23 mai. 2006.

OROZCO, Guilherme. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna. N. 23. Jan/abr.2002. p.57-69

OROZCO, Guilherme. Hacia una cultura de participación televisiva de las audiências. Ideas para su fortalecimiento. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo: ESPM. N.19. jul.2010. p.13-31

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: a contribuição que a Rede CEP pode oferecer às políticas públicas. **Educomunicar: Comunicação, Educação e Participação para uma Educação pública de qualidade**. São Paulo: Instituto C&A e Unicel, 2008. p. 8-9. Disponível em: <http://www.redecep.org.br/publicacoes/REDECEP_online_s.pdf>. Acesso em: 20 de julho de 2011

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação – Contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna. n. 19. Set/dez.2000. p.12-24